

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

**NOITES BRANCAS**  
(1848)

## NOTA PRELIMINAR

Nesta lindíssima novela os protagonistas encontram-se durante quatro noites à beira do Fontanka — somente durante quatro noites da primavera petersburguesa, que de dia alegra a cidade e os campos em redor com o brilho da verde erva tenra e nova e com as cores vistosas de múltiplas flores, e à noite espalha pelo céu um fulgor alvinitente que torna as noites quase tão claras e luminosas como o dia.

Quem é ele? Um jovem, que a si mesmo se apresenta e descreve como um “sonhador”, que os conhecidos consideram como uma criatura estranha, bisonha, talvez até um tanto tola e ridícula, um rapaz que “mal conhece a vida real” e que, no entanto, no mundo galopante da sua fantasia vê correr diante dos olhos as cenas e as figuras mais significativas na evolução histórica da humanidade, e que vive ainda, no seu delírio de visionário, um romântico sonho de amor em que a sua amada é uma formosa castelã casada com um velho, mas que afinal nem sequer conhece uma mulher, embora anseie a todo momento por conhecer uma jovem semelhante a essa que acabou agora de encontrar chorando, amparada ao parapeito do cais, numa dessas noites brancas de São

Petersburgo. Por que chora essa mocinha? Quem será? Apesar de toda a timidez do “sonhador” há um acaso que os faz aproximar, e os dois jovens começam então o seu diálogo apaixonado que vai estender-se por quatro dessas maravilhosas noites brancas. Ela é morena, como o “sonhador” logo tinha imaginado, assim que a viu de longe; tem apenas dezessete anos, é inteligente, viva, ardente, e... está enamorada de outro. Ela veio nessa primeira noite para a beira do rio porque tinha combinado com o namorado esse encontro, após um ano de separação. Este não aparece, mas Nástienhka, durante a sua espera febril e ansiosa, tem a felicidade de encontrar esse espiritual, romântico, tímido e ardente “sonhador” que a consola na sua dúvida, que acende constantemente diante dos seus olhos a chama da esperança e que acaba por se apaixonar por ela.

E, numa dessas noites, já na tempestade da decepção e do despeito, quando começa já a acreditar que aquele a quem ama a esqueceu, Nástienhka, sequiosa de amor, na ânsia de ter junto de si um ser sobre o qual derrame a sua impetuosa ternura, todo o fogo da sua alma apaixonada, acaba por prometer o seu coração ao pobre “sonhador”...

Mas eis que, finalmente, na última noite, surge o verdadeiro dono do coração de Nástienhka, e ela, num arrebatamento de paixão, deixa o companheiro daquelas quatro noites e lança-se nos braços daquele por quem esperava...

Podemos agora perguntar: como definir o caráter de Nástienhka, a mocinha que esperava pelo amado, mas que entretanto promete o seu amor ao primeiro que lhe aparece... para logo depois se esquecer dele e voltar outra vez para o mais antigo? Será ela uma leviana ou uma inconstante? Não. Não é propriamente um temperamento de mulher que Dostoiévski nos apresenta aqui, embora nos tenha admiravelmente descrito a alma de Nástienhka como uma alma apaixonada vibrante e impetuosa. Quer-nos antes parecer que, além da análise da “vida imaginativa e de sonho”, do protagonista, o genial escritor nos quis antes apresentar — e fê-lo de uma forma verdadeiramente artística, cheia de uma beleza delicada, grácil, leve e ao mesmo tempo perturbante — o fenômeno de “transposição” que se operou na alma dessa mulher enamorada, pois o seu coração transbordante de um amor que esperava oferecer ao homem que aguardava e que entretanto não vinha, não

se contém, tem necessidade de um objeto visível e sensível, de outro ser que lhe dê a ilusão de que o escutam, que seja como que um alvo concreto sobre o qual possa incidir a luz da sua ternura. O jovem “sonhador” está ali: tem uns olhos que a vêem, uns ouvidos que a escutam, uma boca que lhe diz palavras de consolo e de amor, uma mão que recebe a sua, uma alma que sente e palpita junto dela. Todas as palavras que tinha para dizer ao outro, di-las a este... E por fim até o beijo, que havia de oferecer ao seu verdadeiro amado, vai ainda para esse companheiro daquelas noites.

Esta novela pertence ao ciclo das obras que podemos considerar inspiradas pela malograda paixão de Dostoiévski pela senhora Panáieva, aquela mulher bela e culta que recebia no seu salão as celebridades do mundo literário e artístico. A primeira dessas novelas foi *A Dona da Casa*; a segunda, *Polzunkov*; esta é a terceira; e finalmente na novela seguinte, em *Niétotchka Niezvânova*, há também uma carta de amor onde palpita ainda toda a vibração de um amor desvairado e impossível. Tanto em *A Dona da Casa*, como em *Noites Brancas*, os protagonistas apaixonam-se por mulheres que “já estão comprometidas”, que entregaram desde há muito o coração a outro... E, além

disso, há também uma grande semelhança que assenta evidentemente sobre o fundo autobiográfico da novela, entre *Ordínov*, o estudante visionário, e este outro jovem “sonhador” que conhece os tais recantos misteriosos de Petersburgo, dos quais “poderia dizer-se que nunca neles dá o sol que brilha para todos os petersburgueses, mas outro sol, novo, que foi criado unicamente só para eles e que dir-se-ia brilha ali também de maneira diferente, com um fulgor diferente daquele com que brilha no resto do mundo...”, e que, como já alguém disse e é de todo verossímil, mais não são do que esses antros onde se reúnem os conspiradores do grupo de Pietrachévski, uns exaltados que pretendiam derrubar com as suas doutrinas filosófico-literárias o trono de Nicolau, grupo ao qual pertencia Dostoiévski.

Esta novela é a última que o escritor escreve ainda em liberdade. Em breve será preso, e a sua próxima obra, *Niétotchka Niezvânova*, vai já ser escrita na cela duma fortaleza.

## PRIMEIRA NOITE

Era uma noite prodigiosa, uma dessas noites que talvez só vejamos quando somos novos, querido leitor. Estava um céu tão fundo e tão claro que ao olhá-lo uma pessoa era forçosamente levada a perguntar se seria possível que debaixo de um céu daqueles pudessem viver criaturas más e tenebrosas. Questão esta que, para dizer a verdade, só é costume levantar-se quando somos novos, mesmo muito novos, querido leitor. Prouvera a Deus que pudésseis reviver com freqüência essa idade na vossa alma! Enquanto ia pensando assim em várias pessoas, é claro que acabava por recordar-me involuntariamente do panegírico que a mim próprio eu tinha tecido, nesses tempos.

Já desde a manhã que se tinha apoderado de mim uma estranha disposição de espírito. Vinha-me a impressão de que vivia tão sozinho, de que havia ainda de chegar a ver-me abandonado por toda a gente, que todos haviam de vir a afastar-se de mim. Naturalmente todos têm agora o direito de perguntar-me: “Bem, vejamos: quem vêm a ser esses todos?” Mas eu já há oito anos que vivo em Petersburgo e, apesar disso, nunca me pareceu que tivesse

arranjado um só amigo. E para que queria eu os amigos? Eu sou amigo de toda a cidade de Petersburgo. Mas precisamente por isso é que me parece que todos me abandonam e que toda a cidade se dispõe a partir com a chegada do verão. Chego quase a ficar preocupado com o fato de ficar sozinho, e já há três dias que ando muito triste, a dar voltas pela cidade, sem conseguir compreender o que se passa no meu íntimo. Na Niévski, no Jardim de Verão, nos cais<sup>1</sup>, já não era possível descobrir nenhuma das caras que costumava encontrar diariamente à mesma hora, nos mesmos lugares. Evidentemente que os outros não me conheciam a mim; mas eu... eu os conheço a eles. Conheço-os até muito bem; tenho estudado as suas fisionomias e fico contente quando os vejo contentes, e aflijo-me quando os vejo preocupados. Sim, posso dizer que uma vez cheguei quase a fazer uma amizade: foi com um homem já de idade, com o qual costumava encontrar-me todos os dias à mesma hora, no Fontanka. Tinha uma cara muito séria e pensativa, e movia constantemente os maxilares, como se ruminasse qualquer coisa; abanava um pouco o braço esquerdo e trazia sempre na mão direita uma grande bengala de nós, encimada por um castão de ouro. Também

---

<sup>1</sup> Os três mais belos passeios de São Petersburgo.



tinha reparado em mim com interesse. Estou certo de que, quando ele não me encontrava à hora já sabida, no local costumado, no Fontanka, devia sentir uma certa contrariedade. Por isso pouco faltou para que nos cumprimentássemos quando nos víamos, ainda mais tendo em conta que ambos éramos pessoas de bom aspecto. Ainda não há muito que como aconteceu termos estado dois dias sem nos vermos, quando no terceiro nos encontramos, ficamos quase a ponto de levar a mão ao chapéu, mas felizmente refletimos a tempo, deixamos cair as mãos e passamos um em frente do outro com visíveis sinais de mútua satisfação.

Também conheço os edifícios. Quando passo diante deles, dir-se-ia que cada um dos prédios mal me vê põe-se logo a correr, avança dois passos à frente, me olha por todas as suas janelas e me diz: “Bom dia, aqui estou! Como tem passado? Eu felizmente estou bem, mas para o mês de maio vão acrescentar-me outro andar.” Ou então: “Bom dia! Como está? Sabe uma coisa? Amanhã vão rebocar-me a fachada.” Ou, finalmente: “Olhe, houve fogo e estive quase a ficar todo queimado... Se soubesse o susto que eu tive!” E outras coisas do gênero. É claro que tenho os meus favoritos entre eles e até

alguns bons amigos. Um deles vai ser revisto por um arquiteto neste verão; vai reconstruí-lo e pô-lo como novo. Terei infalivelmente de passar por ali todos os dias para que o meu amigo não me pareça depois um desconhecido, Deus o livre de uma coisa dessas! E nunca esqueci a história das minhas relações com aquela casinha pequenina, de um cor-de-rosa claro, de que eu gostava tanto. Era uma casinha encantadora; olhava-me sempre com muito afeto, e estava tão orgulhosa da sua beleza entre as vizinhas vulgares, que o meu coração alegrava-se quando passava diante dela. Mas eis que, na semana passada, quando entrei na rua e olhei para a minha amiguinha... ouço um clamor lastimoso: “Olha o que me fizeram! Pintaram-me de amarelo! Que bárbaros! Que perversos! Não respeitaram nada! Nem as colunas, nem as cornifas!” De fato, a minha amiguinha estava amarela como um canário. E de tão aborrecido que fiquei com aquilo, estive prestes a apanhar uma icterícia, e ainda agora não me sinto completamente refeito, nem também me sinto com coragem para tornar a olhar para a minha pobre amiguinha, que uns desalmados puseram da cor do Celeste Império.

Por tudo isto... agora já poderá compreender o meu querido leitor, até que ponto

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

